



«Somos uma palavra nova»

TERMINAVA há quinze dias a evocação dos setenta anos da Obra da Rua, afirmando que a sua **pedra angular** e seu essencial Estatuto é o mandato Episcopal que lhe deu vida e a confiança da Igreja que a conservou e a fez crescer intensamente comunicativa.

Desde o princípio o Povo entendeu e respondeu, tornando possível esta comunicabilidade com um assentimento fervoroso e uma partilha generosa. De tal maneira que, para lançar e realizar a Obra a que o Espírito o impelia, nunca Pai Américo precisou de cuidar dos fundos financeiros, certo de que a Justiça procurada e servida prioritariamente arrasta por acréscimo tudo quanto for necessário. E não se trata de milagre; trata-se de promessa que Deus cumpre mediante outros impelidos, muitos nesta tarefa dos acréscimos, que Ele suscita no meio do Seu Povo.

Já não foi tão linear a compreensão dos estabelecidos em conceitos do mundo, uma intelectualidade **convencida** ou **poderes**, de entre os quais surgiram dúvidas e obstruções. Contudo, poucas e pouco eficazes, graças a Deus, que nunca lograram fazer contra-maré frente à maré cheia do entendimento e do crédito dado pela maioria. Tal levou Pai Américo a dizer e a escrever várias vezes: «Somos uma palavra nova». E toda a novidade tem de vencer resistências para vingar. É o que a Natureza nos ensina acerca de tudo o que é vida, destinada a crescer e a frutificar, porém mais frágil nos primórdios da sua existência. Só que setenta anos depois, esta afirmação de Pai Américo, proferida quase sempre em tom de queixa, infelizmente não deixou de ter actualidade. Para algumas forças sociais, ainda somos uma palavra nova

— que se desdenha porque nova: seja no sentido de imatura, seja no de uma efemeridade ultrapassada.

Em 1952 passou no horizonte político um **meteoro** que pretendeu ensombrar. Foi neste contexto que Pai Américo publicou, n' O GAIATO de 22 de Maio desse ano, um longo texto de esclarecimento a que chamou «Um Equívoco», e do qual vou transcrever o que me parece essencial:

«A Obra da Rua nasceu há onze anos e teve por padrinho um estatuto dado pelo governador civil de Coimbra. Um outro estatuto, pelo governador civil do Porto. E o último foi na Arcada, por um magistrado da Nação. Todos dizem essencialmente o mesmo, porque inspirados na mesma lei. Aceitei os três instrumentos. Tinha evidentemente de me munir deles, para ter voz nos Ministérios. Não me deixariam, tão pouco eu poderia, só por mim, fazer a demonstração do **Incrível**, sem primeiramente me acreditar. A história universal está cheia destes casos, em todos os campos onde o homem passa a ser chamado. Nós sabemos e cuidamos que isso foi outrora, sem reflectirmos que também pode ser hoje. Pode, sim. Eu estou a fazer história. Aceitei os três documentos como facilidade de agir, mas nunca com o propósito de fazer como lá vem. Eu nunca li nenhum deles.

Dez anos andaram. As provas estão feitas. A Obra acreditou-se. O **Incrível** aparece em beleza estonteadora. É tempo de desfazer o equívoco. Nós não somos uma Obra de Assistência.

Sem olhar ao cofre, vamos direitos às feridas do Pobre. O abandonado que nos bate à porta, entra e ao depois, vamos procurar o

seu pão. Uma Obra de Assistência não faz assim.

Nós somos a porta aberta ao indigente de qualquer terra, cor, idade, credo. Todos os defeitos. Todas as pústulas. Todos os vícios. Eles são nossos em qualquer tempo, em todo o local, todas as idades, na vida e na morte. Quando, pelos **Finados**, os nossos mais pequeninos pedem dinheiro para assear as campas dos seus irmãos mortos, dizem que não somos uma Obra de Assistência. E também dizem a mesma coisa, se nos pedem um presente de anos, se vão mais eu dar um passeio, se viajam de avião, se vão para a África em segunda classe, levando na sua bagagem o smoking branco das festas. O «Papagaio» na sua bicicleta, confirma. Temos vivido num equívoco e nada mais.

Família que somos, onde o Pai come à mesa e reparte com seus filhos, não nos parece avisada nem necessária a jurisdição da Assistência. Esta tem de se exercer, sim,

mas doutra maneira e por razões mais altas que os simples subsídios. Para isso estou aqui. Para isso venho hoje a esta coluna chamar pelos **Homens de boa vontade**, que me ajudem a sair da encruzilhada, com um corpo de doutrina nova. Onze anos de vida dão a matéria. Ores novos, que o vinho é novo. É tão espumante a nossa acção, que a antiga lei não nos comporta. Poderá alguém tomar-nos por indisciplinados, mas isso é outro equívoco.

(...) Não se tenha medo de réplicas à Obra. Ninguém fala assim. Tem-se medo! Nós havemos de ser sempre a **Única**. O padre da rua é por natureza da Obra um homem esmagado, vivendo continuamente da sua Fé no **Incrível** e contra toda a esperança.»

Isto foi exactamente há cinquenta anos. Que de mudanças aconteceram no Mundo durante eles! A cegueira dos que não querem ver, a mesquinhez permanecem intactas.

Padre Carlos

Passagem de Testemunho

CONFORME às Normas de Vida dos padres da rua termina estes dias o meu mandato de primeiro responsável na Obra da Rua.

Eleito o Padre Acílio e ratificada a eleição pelo Bispo do Porto que, em nome da Conferência Episcopal assiste a Obra, ele já está em Paço de Sousa há meses e preparado para tomar em suas mãos o leme da barca durante o **quinquénio** que ora começa.

Ao que dirige a Obra compete a direcção do Jornal. Por isso, esta edição

sai já com o seu nome. Deus queira que este período seja marcado pela vinda de novos obreiros, não só a nível dos **Padres**, como também das **Senhoras e dos Rapazes** que ficam para assegurar a continuidade, de acordo com a vontade de Pai Américo: «Obra deles, para eles, por eles». Esta a grande necessidade. Deus sabe-a; mas nós temos de fazer. Lhe violência, pelo fervor e constância da nossa prece.

Padre Carlos

MOÇAMBIQUE

Descoberta do futuro

POR não ser timbre dos nossos rapazes, a descoberta da vocação profissional é, para nós, como que uma **gestação difícil**, prepará-los para a descoberta do futuro. Casos há em que temos de esgotar todos os meios para descobrir alguém de família, tios e avós, quando há certeza de que pais não existem, para que os acolham, continuando a apoiar os estudos ou uma formação profissional possível na terra de origem.

Mas é saboroso e gratificante quando, ao fim de dez anos de escolaridade, se encontram para eles portas abertas, por pessoas que não os conhecendo, os recebem com entusiasmo, como se fossem **campeões** chegados ao pódio.

Partiram daqui, em Fevereiro, três dos nossos rapazes para cursos no estrangeiro. O Horácio e o Pascoal para o Brasil e o Moisés para Espanha. Os dois primeiros para cursos técnicos de agropecuária em Muzambinho, Minas Gerais, oferecidos gratuitamente. Encantados com a Escola e com o acolhimento dos professores, esperamos, porque já sabem o que querem, que as dificuldades próprias do estudo não lhes arrefeçam o entusiasmo. O Moisés foi cursar enfermagem em La Corunha, na mesma Escola onde a nossa Maria José, até há dois anos atrás, era professora. Foi recebido como muito

querido e está a ser acompanhado em hospedagem e despesas escolares com todo o carinho. Que atinja com mérito o que com tanto entusiasmo lhe é oferecido.

Dos que já estavam no Brasil temos boas notícias. O Luisinho na PUC de Curitiba a cursar engenharia civil passou para o segundo ano. É o único a quem temos de pagar agora metade das propinas, porque não conseguiu admissão à Federal. O Luís, em Cáceres, bem perto da Bolívia, está no último ano da Técnica e os professores também extremamente interessados em ajudá-lo, querem que concorra à Universidade.

Se tivesse ido daqui com a décima segunda, nem precisava de exame de admissão. Tudo são facilidades quando se bate à porta das Embaixadas dos países que acolheram estes filhos de Moçambique e amabilidades sinceras mesmo, de quem no destino os recebe, a ponto de pedirem mais rapazes.

Dói-nos o coração ao enfrentar dificuldades, para não dizer barreiras, quando procuramos, aqui mesmo, lugar para eles, na terra onde nasceram. Mas se à nossa Escola a contribuição do Estado é mínima, o serviço prestado pelos

Continua na página 3



Panorâmica da Casa do Gaiato de Moçambique.

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

QUINTA-FEIRA SANTA

— Como habitualmente, os Pobres da nossa Conferência participaram nas cerimónias realizadas em nossa Capela, tendo como ponto principal a celebração do Sacramento da Eucaristia.

A maior parte dos presentes eram viúvas. Algumas, utentes de casas do Património dos Pobres, ora a serem restauradas com os donativos dos nossos Leitores. Aliás, são obras bem precisas, dado que as casas têm mais de cinquenta anos de vida e, aqui e ali, há que aumentar também a área de cada qual.

Alguns dessa gente sofre de males da sua própria idade, d'ordem cardíaca, nervosa, membros deficientes..., etc.

Não o temos dito, por delicadeza, mas a verdade é que sofremos um nadita em quase todas as mudanças, exactamente porque as pessoas não estavam afeitas a benefícios dessa ordem. Sejam os beneficiários ou a própria vizinhança... Tudo isso, porém, faz parte da cruz a que metemos ombros.

VOZ DO PAPA — Na Catequese semanal de 21-8 e 13-9 disse o Santo Padre:

«A morte de Jesus na cruz constitui a máxima expressão da vida que se entrega. A vida entregue por nós na cruz se nos oferece como alimento na Eucaristia, donde Jesus chama a cada um dos seus discípulos a ser como Ele e com a sua ajuda, pão partido e vinho derramado em favor dos irmãos, amando onde é mais difícil amar, amando onde há mais necessidade de amor. O Espírito Santo, que irrompeu com força nos Discípulos no dia de Pentecostes, impregna com a

sua presença toda a história da Igreja no seu dinamismo mais profundo, e anima toda a comunidade dos crentes. O Espírito, que nos faz novas criaturas e filhos de Deus, ensina-nos a verdade, dá-nos fortaleza nas dificuldades, anima a nossa liberdade para vencer o pecado e produz no crente amor, alegria, paz, paciência, benevolência, bondade, fidelidade, mansidão e domínio de si como primícias da glória futura que todos esperamos. O homem de hoje, para se não perder, necessita mais do que nunca encontrar a Deus e encontrar-se em Deus e isto só é possível se o coração se põe a escutar o Senhor no silêncio e na contemplação prolongada. O Papa ressaltou que no Oriente e Ocidente, a vida monástica constitui para a Igreja um património de inestimável valor e os mosteiros são verdadeiros laboratórios de estudo, de diálogo e de cultura para a edificação da vida eclesial e da mesma cidade terrena na espera da celeste.»

PARTILHA — Assinante 57002, de Senhora da Hora, com «pequena oferta de Fevereiro para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus. É tempo da Quaresma. Uma oportunidade para rever a nossa vida e partilhar com os outros tudo o que o Senhor, com tanta generosidade, nos vai pondo em nossas mãos, não nos esquecendo dos mais carenciados. Peço uma oração por alma de meu marido».

Presença de todos os anos; neste, com quinhentos euros pela mão da assinante 11676, do Porto — e a amizade de sempre.

Granja do Ulmeiro: A assinante 59447 com a «renúncia quaresmal que ofereço pelas almas dos meus familiares».

Cinquenta euros do casal-assinante 50629, da Tapada do Mocho (Paço de Arcos), «para o 'Famoso' e um pouco para a vossa Conferência do Santíssimo Nome de Jesus».

Quinhentos euros da assinante 37036, «para os vossos Pobres».

Assinante 5963 com «saudações fraternas e muita amizade» manda «a partilha de Novembro/Dezembro».

Lourdes, de Cacém, vinte euros — sem mais quê.

Assinante 27044, de Alvide (Alcabideche), um lindo postal ilustrado: «Que o Senhor seja sempre o nosso Farol! Estamos na Quaresma, tempo de pôr a nossa vida em dia e eu tentando dar um pouco de ordem na minha. Envio este cheque de vinte e cinco euros. Metade para o livro 'Calvário' e outra para os Pobres da vossa Conferência».

O «modesto contributo» do assinante 59467, de Ponte de Sor.

Um cheque, de vinte e cinco euros, duma leitora de Areia (Vila do Conde), «para a farmácia dos mais necessitados».

Outra presença, muito assídua, dos assinantes 49610 e 47037, de Leiria: «Cá estamos, mais uma vez, para darmos a nossa pequena ajuda. Estamos agora na Quaresma e aí vai a renúncia que não é mais do que uma pequena 'gota' para ajudar o vosso 'mar' de necessidades. Que o Jesus da Paixão e Ressurreição vos ajude e dê coragem para ajudarem os irmãos mais carenciados».

Assinante 66432, de Amadora, afirma ter «lido com atenção as notícias publicadas n'O GAIATO sobre os Pobres da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus. Para eles envio um cheque».

Votos de Santa Páscoa. E, em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

CATEQUESE — Já terminou porque vamos para férias da Páscoa.

A nossa catequese foi às mil maravilhas. A catequista trouxe-nos uma senhora para uma lição aos alunos do 8.º ano e gostámos muito dela. No fim, demos um ramo de flores a essa senhora. Nós gostamos muito dela e das nossas catequistas também.

A NOSSA ALDEIA — Está diferente com as árvores podadas. Agora o Neca e os seus rapazes estão a tirar a lenha toda dos caminhos para o telheiro.

HORTA — Os hortelãos já semearam favas para nós comermos e também já começaram a plantar outras verduras.

VACARIA — As vacas estão a ficar muito gordas. As porcas também começaram a ter muitos porquinhos. Esperamos que continue tudo assim.

Rogério

DESPORTO — Os Iniciados foram a Canelas. Também, ali, fomos recebidos com cari-

nho, como aliás em qualquer terra a que nos desloquemos. Ainda decorria o jogo dos Infantis no campo pelado, quando lá chegámos. Enquanto os rapazes ficaram a ver o jogo, procurámos a pessoa de quem tínhamos o contacto. Andava no estádio com os seus auxiliares a preparar tudo. Os Iniciados, mais uma vez, tiveram o privilégio de dar largas à sua imaginação e, desta vez, no relvado do Clube Futebol de Canelas, em Gaia.

Tinham tudo preparado ao pormenor, da arbitragem à merenda que tinham para nos oferecer no final do jogo. Foi uma tarde bem passada.

Falando um pouco sobre o jogo, tudo correu bem, embora não tenha começado da melhor maneira. Logo nos primeiros minutos, sofremos um golo que nos deixou apreensivos. Todavia, os rapazes não se intimidaram e, no decorrer do desafio, foram dando a resposta. No final, somámos mais uma vitória, suada, mas saborosa!

Todas as vitórias sabem bem, mas esta teve um sabor especial. O guarda-redes titular resolveu dizer que não ia (...) Só faz falta quem está. O Filipe Almeirim, ocupou o seu lugar e saiu-se bem. Agora, quem tiver unhas toca guitarra!... Espero que o Filipe não desanime e não tenha medo do campo pelado como não teve do relvado. Vamos ver!

Para além de tudo isto, ainda tivemos a consolação de ouvir da boca do árbitro: «Tem aqui rapazes que são uma maravilha. Educados e a saber jogar a bola. O capitão da equipa (Luís Ângelo), estava sempre a mandar pedir desculpa, quando o lance era um pouco mais ríspido. Mas também têm ali um, que não deve ser flor que se cheire». Graças a Deus temos de tudo em nossa numerosa família, como naquelas de três ou quatro pessoas.

Depois de tudo arrumado, nós e eles, seguimos para a merenda, onde não faltava nada! Também esta foi diferente. Cada jogador do Canelas trouxe, de casa, aquilo que muito bem entendeu... Um verdadeiro convívio.

No dia 2 de Março, os Infantis receberam o Sport Clube de Gondomar. Estreia do António Pedro como guarda-redes titular. Apesar de ainda não estar muito à vontade, não esteve mal. Não sofreu golos e, no final do encontro, era um rapaz satisfeito. Para além de terem ganho, houve merenda melhorada.

A 9 de Março, os Iniciados receberam e perderam com o Rio Ave Futebol Clube. Quando se perde com um adversário, apesar de não estar a jogar melhor que nós, mas com vontade de vencer, não há nada a dizer. Perdemos porque

não tivemos garra e tivemos, isso sim, muita falta de humildade. Quase sempre é assim. Quando nos julgamos vedetas — caímos. Depois de estarmos a ganhar por 2-0, resolvemos cruzar os braços e não continuarmos a jogar futebol. Para se ganharem os desafios é necessário lutar com vontade de vencer até ao fim.

Alberto («Resende»)

TOJAL

CARAS NOVAS — Em casa temos mais três caras novas: O Filipe «Bobo II», Edgar «Vegeta» e Luís «Alentejano II», eles já se adaptaram à comunidade, logo nos primeiros dias.

OFICINAS — Tem havido alterações nas oficinas.

Na carpintaria foram postas novas lâmpadas e um novo quadro. Na serralharia também foram feitas as mesmas alterações.

Na tipografia foram mudadas as instalações de encadernação, a sala de electrónica e a iluminação.

A sala de informática foi aumentada.

VACARIA — Temos neste momento quatro vitelos e seis vacas prestes a parir. Os rapazes que lá trabalham estão contentes com o serviço que estão a desempenhar. Mantém a vacaria estável.

Abílio Pequeno

SETÚBAL

VISITAS — Temos tido muitas; algumas, são alunos de Escolas e grupos de Catequese. Houve um grupo que participou na Missa e almoçou conosco. Com outro, realizámos um jogo de futebol e vencemos por 3-0.

De todos recebemos muita amizade e coisas necessárias para a nossa vida. É uma ocasião para fazermos amigos.

ANTIGO GAIATO — Nas últimas semanas esteve conosco o senhor Ferreira, gaiato do tempo de Pai Américo. É uma pessoa muito simpática e que ajudou nas tarefas da Casa. Eu fiz-lhe uma entrevista para um trabalho escolar. Fiquei a saber muitas coisas de Pai Américo que me contou. Ele tinha a obrigação de limpar a casa-mãe. Um dia estragou três canetas que ele usava para escrever para o Jornal. Sem elas, não sabemos como continuou a escrever, mas ficou zangado.

O senhor Ferreira está deabalada para a Alemanha onde tem a sua família. Quando quiser, volte que é bem vindo.

RAPAZES NOVOS — São três que vieram cá para Casa.

O «Beja», o Jorge e o «Leo». São mais três rapazes que fazem parte da Obra. Espero que se façam uns homens, que a Obra é para isso mesmo.

BAR — Estamos a transformar uma dependência para se implantar um bar. Ficará um rapaz a servir, para que a malta desejando tomar café não precise de sair de Casa. Espero bem que não seja como o antigo bar que fechou por não haver quem tomasse conta.

PISCINA — Estamos a fazer obras na piscina. Vamos pôr uma prancha nova e dar um arranjo à volta, para que fique mais segura e tomarmos banho mais à vontade.

Rui «Rato»

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS

— Estamos na Quaresma, tempo de meditação e reflexão. Jesus foi castigado e sacrificado injustamente para nos salvar. O que temos feito para agradecer o grande amor que Ele tem por nós?! Como cristãos, devemos estar unidos e dar apoio e um pouco de carinho àqueles que precisam de uma palavra amiga.

O Padre Virgílio Ciaccio, SSP, no seu livro *O Meu Cristo de Cada Dia* escrevia: «'Ressuscitei, mas ainda estou contigo! Vede as minhas mãos e os meus pés; Tocai-Me, olhai-Me, sou Eu mesmo (Lc 24,39)'».

Ainda há muita gente, por aí, que pensa ser impossível viver com Cristo. Dizem que Cristo pertence a outro tipo de mundo; dizem que Cristo mora no Além. Ele pode ser o prémio da vida futura, pode ser a Esperança dos homens, pode ser Aquele que espera por nós no limiar da Eternidade...

Muita coisa nos separa. Muita distância nos divide. Moramos em margens opostas. Vivemos em mundos diferentes. Falamos línguas diversas.

Como poderíamos morar juntos? Um Deus é sempre um Deus, nunca poderia caber na casa dos homens. Vai raiar o dia em que, enfim, estaremos para sempre unidos. Mas, por enquanto... por enquanto, temos que viver separados e temos que nos arranjar sozinhos.

É isto que a gente vai dizendo. E está tudo errado!

Para tirar qualquer dúvida, aqui vão as palavras do maior interessado: «Porque surgem tais pensamentos nos vossos corações? Nós podemos morar juntos, porque Eu tenho um corpo, tenho mãos, tenho pés. Não Sou um fantasma, Sou um de vós. Ressuscitei, mas ainda estou convosco. Sou sempre Eu, o vosso Cristo de cada dia.»

O nosso Cristo de cada dia é o dono do espectáculo. O Seu lugar é este, os nossos cami-

RETALHOS DE VIDA

Raúl

Eu sou o Raúl Manuel Correia Teixeira. Nasci em 24 de Maio de 1990, no Hospital de Lamego, e sou natural de Samodães.

De manhã, vou para o 3.º ano da nossa Escola. À tarde, ocupo-me à beira do Neca, o nosso chefe.

Estou na Casa do Gaiato porque o meu pai era alcoólico, batia na minha mãe, que muito sofria com tudo isso.

Quando for grande, gostaria de aprender a profissão de padeiro para cozer pão e bolos.

Eu gosto muito da quinta da nossa Aldeia. Tem muitas videiras e árvores de fruta.

Sou aqui muito bem tratado e tenho muitos amigos.

Raúl Teixeira



Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Março, 63.300 exemplares.



MOMENTOS

Ambiguidades

PARA quem não conhece por dentro o nosso viver, o nome de alguns costumes da Casa do Gaiato, assusta as pessoas.

Nós que olhamos com beleza e naturalidade para eles, ficamos espantados.

É verdade.

O mundo tem muita coisa boa corroida pela sua prática fútil.

Vejam os que aconteceu à palavra e ao conceito «Caridade».

Se há no mundo algum conteúdo mais rico e mais belo?...
Nunca houve nem haverá!

A Caridade é o presente e o futuro!

No entanto, o mundo desgraçou a palavra e o conceito!... E pôs a correr como enxurrada demolidora o termo solidariedade. Mais amaneirado, menos comprometido, um tanto profano e mais aceitável perante o laicismo.

Jamais O GAIATO e a Obra da Rua deixaram esta magnífica e global noção, a qual é também a nossa vida.

Caridade! Deus é Caridade! E Caridade é Deus.

Oh vocábulo! Oh ideia! Oh vida!

Num consultório médico, enquanto aguardava a minha vez, para passar o tempo, lia, há dias, uma dessas revistas actuais onde os grandes se retratam em exibições de fatos, jóias, penteados, etc!

Era a reportagem de um baile a favor dos «sem-abrigo»! Oh dor! Oh mentira!

O mesmo se passa com a palavra tribunal!

Em nossas Casas há tribunais.

Os Tribunais da Justiça são cantados na Bíblia como a instituição mais encantadora de um povo renovado.

Sabemos que a palavra está carregada de muitos conteúdos negativos! É ver-se!...

Um senhor importante observava-me, há uns vinte anos: «Todos os rapazes da Casa do Gaiato deveriam passar pelos tribunais».

— O senhor doutor, ponha cá os seus filhos!

Foi guerra aberta, ainda sem tréguas!

A gente sabe que o nome das coisas tem o sentido que o uso faz delas. Uso bom, nome nobre; uso mau, nome condenável.

Uma turma escolar visitante trouxe, para oferecer, um pequeno caixote de papelão, contendo material escolar e envolvido em papel de prendas.

O Licínio recebe e coloca-o num banco, frente ao escritório.

Era da parte da manhã.

Após o almoço, vou dar com a caixa desembulhada e aberta; na casa de banho, o lindo invólucro rasgado, posto no chão e no cesto dos papéis, com sinal claro de violação e roubo.

Os primeiros a serem interrogados foram os rapazes do escritório. Gente com barba a despontar e lugares responsáveis.

Que não, senhor. Que não foram eles. Que haviam por lá passado uns pequenos e nomearam-nos.

Eram cinco.

Não tinha sido nenhum. Mas um deles viu o «Fafá» com um estojo de desenho e que havia também distribuído dois pelas professoras da Escola.

Presente, o acusado, esclarece que tinha achado os objectos na casa da lenha e que não fora ele o violador.

— Alguém te viu a achar os estojos?

— O meu irmão!

Os irmãos não podem ser testemunhas.

— Mais ninguém?

— Não, senhor!

Procurando às professoras pelos estojos, fomos informados que o mano do «Fafá» também tinha «material».

Descoberto, «Tatão» vem trazer um estojo, cinco afias e uma borracha larga!

— Amanhã, preciso de saber a verdade — disse aos dois irmãos — quero a verdade. Só a verdade nos alivia e vos alivia.

Então?

— Fomos nós que levámos a caixa para a casa de banho e a arrombámos.

— Só tiraram isto ou foram mais coisas?

— Só isso!

— Pronto. Acabou tudo. Não voltem a fazer isso. O que vem cá para Casa é para todos. Não vos compete a vós distribuir nada. Não é verdade?

— É sim, senhor!

Eis um tribunal.

Tudo esclarecido. Toda a gente liberta. Os manos com mais uma escorregadela a precavê-los e a acautelarem-nos.

O roubo e a mentira são práticas nestas Casas onde não há rapazes maus!

Como vencer estes males? — Só assim: com a verdade e o amor! Nada de disfarces, nada de medos nem preconceitos. Verdade e Justiça, duas irmãs gémeas, dignas e dignificantes.

NÃO me repugna utilizar os balneários dos rapazes. Faço-o com naturalidade e também para vigiar o asseio e outras coisas.

O que fica atrás das Escolas tem sido, muitas vezes, sala de fumo. Verifico pelo cheiro do tabaco e pelas beatas à entrada.

A iluminação pública, embora em penumbra lá dentro, chega bem durante a noite pois o movimento e a necessidade são quase nulos.

O balneário tem dois urinóis, dois lavatórios e três sanitas cada uma com a sua divisão e a sua porta.

Entro no recinto e ouço cochichar. Nisto abre-se uma porta e vejo um lume que se esconde repentinamente.

Saem três pequenos de um compartimento. Era intenso o odor tabágico. Confessaram logo que estavam a fumar na mesma cabina.

O Alcides servia-se noutra compartimento.

— Quem tem o maço?

— Ninguém!

O tabaco era do Alcides. Ele é que tinha o maço.

Aguardamos e o Alcides apresenta-se de maço na mão com três cigarros dentro.

— Quem comprou o tabaco?

— Foi o «Morango»!

— E o lume?

Márcio diz que foi acender o cigarro à cozinha. Que trouxe um

papel aceso do fogão e depois pegou lume no cigarro cá fora.

Alcides contradiz.

— Ele tinha um isqueiro.

Márcio nega.

— Não tenho nada.

Perante a insistência daquele, Márcio esclarece que já o espatifara contra a parede.

— Então vai-me buscar os restos!

Era noite e eu rezava na Capela grande. Diante de Deus que é Verdade e é Amor! Deliciado com os pequenos, as suas faltas, as suas hesitações e dificuldades.

É necessário transpor obstáculos!...

Regressam todos, junto de mim, com os restos verdes do isqueiro e então ficámos a saber que o dinheiro era do Alcides. Que fumaram do maço o «Morango», o «Orelhas», o «Azeitona», o «Lampião», o «Fábio Pequeno», o Márcio e seu irmão. Que quem acendeu os cigarros no balneário, com isqueiro também comprado pelo «Morango», foi o Alcides.

O tabaco prejudica gravemente a saúde — diz o letreiro do maço. A idade deles. O tabagismo hereditário. A necessidade e a glória de pôr travão nas gerações. O preço. A dificuldade de deixar de fumar. Tudo foi analisado com eles, por eles, e neles.

Márcio pediu desculpa.

— Deves pedir perdão a ti próprio e a Deus que está em ti. Eu só O represento!

Ora aqui está o «medonho» de um tribunal. Haverá algo mais rico? Mais libertador?

Se os tribunais dos homens fossem assim, não haveria preconceitos contra os das Casas do Gaiato.

Ponha-se então tudo no seu lugar e dignifique-se o nome que bem merece!

Padre Acílio

Moçambique

Continuação da página 1

Lares, nas Secundárias, é deplorável. O nosso Machel perdeu a décima primeira-classe por falta, que um próprio professor lhe causou, ao fazê-lo moço de recados, cada manhã.

A nossa enfermeira Maria José tem um amplo trabalho de atendimento diário em seis Postos de Saúde, espalhados pelas Comunidades rurais aonde chega a presença da Obra da Rua. Tem preparado afincadamente as senhoras que trabalham com ela. Das suas ajudantes, com a décima classe, foram propostas três para admissão ao Curso de Enfermagem. De quarenta candidatas ficaram duas, de seis aprovadas. A ambas tínhamos antecipadamente garantido a continuação do salário, porque, com encargos de família, só assim podiam fazer o Curso. Porém, uma já passava da idade para ficar integrada no aparelho do Estado, como aqui se diz. Por isso, foi-nos exigida uma propina de cento e quarenta e cinco dólares por mês e que ao fim do Curso, que vai durar dois anos e meio, a Casa do Gaiato a contratasse para o seu serviço, como se não estivessemos já a suprir o deles.

Padre José Maria

nhos são os Seus caminhos, a nossa história a Sua história.

Não podemos lembrar-nos d'Ele apenas quando vamos acender as velas da nossa titubeante devoção, ou na hora em que vamos levar-Lhe as flores do nosso amor inconstante. Ele quer é embarcar na nossa barca.

Também seria muito pouco considerá-LO imagem sagrada de um fantasma, pela qual suspiramos nos raros momentos de fervor. Porque, verdadeiramente, não Lhe cabe a Ele o papel do fantasma. A Ele pertence, de direito, o papel do insubstituível companheiro de viagem.

De agora em diante, o nosso maior pecado consiste em manter os olhos fechados ou protegidos por óculos escuros. E o nosso maior azar consiste em não aceitarmos como parceiro de caminhada Aquele que disse: 'Estarei sempre convosco'.

A Luz resplandece nas trevas. Estes são os dias em que o Senhor nos está visitando e trazendo a paz.

É sempre assim. Depois da paixão, do sofrimento e da morte, desponta a manhã da alegria e da ressurreição.

Sempre haverá um amanhã depois da noite.

E nós, se perservarmos atra-



Que mistérios estão por detrás desta brincadeira? O Mário Paulo mais o Rui Piçarra.

vés das trevas, teremos a oportunidade de ver o Sol.

Amigo, continua a marchar para a Luz, pegando na mão de Cristo.

Não acreditas? Haverá um amanhã depois da noite.»

Vamos todos dar as mãos e tentarmos mudar um pouco o nosso dia e estarmos atentos

para tudo o que se passa à nossa volta.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — Amiga, de Vila da Feira, o seu donativo de sempre; anónimo, 20 euros; anónimo, 100 euros; Emília, 25 euros; anónimo, com o seu donativo; assinante 6762, com

um cheque; assinante 29845, 25 euros; anónimo, 20 euros; M. M., um vale do correio; Dolores, o seu donativo; assinante 45872, cheque de 50 euros.

A todos os leitores desejamos uma santa Páscoa e agradecemos as vossas palavras amigas.

Casal Félix

DOCTRINA



A doce palavra Mãe

DESDE que há um jornal, na nossa terra, que revela com verdade o que as nossas crianças precisam, ninguém deve por mais tempo deixar coisas nas gavetas, à acção do caruncho.

MAIS uma oferta de 30\$00 para as *alminhas* da Aldeia e, para o mesmo fim, duas quadras de um poeta. Nunca há-de faltar o azeite nem a devoção do Pequenino que queira alumiar os nossos mortos.

MAIS linho de altar para a nossa Capela. Mais um anel de ouro e duas pequeninas medalhas idem, para o «cálice da Capela». Esta legenda traz o nome de Mãe. Nome indefinido, Mãe de ninguém. Este mesmo nome tem aparecido várias vezes, grande, eloquente, nas ofertas mais santas e mais discretas que chegam às nossas Casas.

A carta dos 30\$00 para as *alminhas* de que se faz referência atrás, trazia a doce palavra Mãe. A gente chora e estremece de comoção ao ver o selo branco do amor, firmado com tal nome! E ele há mulheres em nossos dias, tantas como as estrelas, que trocam por outros este nome precioso! Faz pena! De que vale o teu nome, oh mulher, se ateimas em não ser Mãe? Quem pode fazer-te feliz se a tua vida é fraude? Há dias, num brinde de casamento, gostei tanto de ouvir a um amigo do noivo o «crescei e multiplicai-vos» como imperativo da festa; gostei tanto, sim, por ser verdade eterna!

MAIS 10\$00 de uma criada de servir. Mais, de Oliveira de Azeméis, uma gaiola de perus! Quem dera que os ladrões não me dêem ensejo de uma lição à Comunidade, como foi no caso das galinhas. Houve capítulo nessa noite. Os mais interessados nos ovos, que por isso ficaram tão tristes, foram chamados à barra: — *Vês como tu magoas os a quem roubas?! As tuas dores de hoje são as dores deles!*

Padre Acílio

(Do livro *Pão dos Pobres* — 4.º vol.)

SETÚBAL

O nosso lema

A época das férias escolares é aquela em que se torna mais evidente o nosso lema: Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes.

No início da manhã de cada dia de férias, cada rapaz vai assumir e cumprir a missão que lhe é dada pelo chefe, um irmão mais velho. Este olha as necessidades da Casa a satisfazer nesse dia, e distribui a cada um a sua tarefa.

Um duo encarrega-se das limpezas da copa; a loiça a brilhar, vai tomar ainda mais apetitoso o almoço. Outro duo, começa por retirar as mesas do refeitório a que aqueles vão levar ao seu estado original, se entretanto não houver algum acidente de percurso. Um terceiro, o dos latões, junta tudo o que é lixo e, em pequenos contentores com rodas, e, «como quem brinca», vai despejar nos contentores camarários os nossos desperdícios. Antes do reciclar, questão tão cara aos defensores do ambiente, aos quais se juntam todos os amantes desta obra de Deus que é a terra, sabem os nossos que há o poupar. Não desperdiçar comida ou o quer que seja, é fazer oração com as coisas que são o nosso alimento e que falta a tantos milhões de seres humanos.

À palavra de ordem do chefe — «Os da limpeza!» — levantam-se dos seus lugares à mesa os elementos da brigada da higiene que, depois de munidos de baldes, vassouras e detergentes, vão correr as partes comuns da Casa, deixando no ar a frescura da sua inocência. Agora que o calor começa a apertar, faz inveja vê-los a tratar por tu a água que brota das profundezas da terra e vem purificar os nossos caminhos.

Os mais pequenos, subtraindo os mais pequenos de todos, não ficam ociosos. Um chefe fica encarregado de os acompanhar a dar uma volta pelas ruas da nossa Casa e, em pequenos cestos que levam na mão, vão deitando aquilo que os distraídos habitantes ou nossos visitantes não puseram,

mau hábito tão latino, no cesto dos papéis. Assim, gozam os dos latões que têm menos trabalho a esvaziar as papeleiras espalhadas pelos espaços ao ar livre da Casa.

Os que ainda estão no refeitório, a aguardar que lhes dêem trabalho, são os rapazes de barba rija. Um grupo guarda as vacas no pasto; outro ajuda nas várias obras em marcha; outro grupo de rapazes corta erva nas bordas dos campos onde a máquina não chega; dois deles vão sentar-se na máquina

de semear batata, conduzida pelo tractorista. Uma a uma, ficam os tubérculos (semente) envoltos em terra negra para que, em poucos dias comece a brotar uma pequena planta que manterá escondido o seu fruto. Este, uns meses mais tarde, virá à luz pelas mãos de um grande grupo de rapazes que o levará ao celeiro, e, depois, saboreará à mesma mesa de que agora se levantam.

Desta vez, um grupo de vinte, terá uma tarefa especial e desejada: um retiro de oração e reflexão em nossa casa de férias da Arrábida. Padre João, do Seixal, conduzirá estas ovelhas pelas encostas desta serra única, em beleza e mistério.

O Nome de Jesus, Santíssimo como só Ele é, continua a proteger estes que Pai Américo, um dia, entregou em Suas mãos.

Padre Júlio

BENGUELA

Trincheira da paz

ESTOU a escrever em Domingo de Ramos. A Páscoa está à porta. Quando estas notas chegarem às vossas mãos, a Páscoa já foi. A pedra grande, à entrada do sepulcro, não está lá. O túmulo ficou vazio. O Senhor ressuscitou.

Olho em volta, ao longe e ao perto. Vejo muitas pedras grandes a impedir a saída do sepulcro que guarda multidões de irmãos nossos. Os campos de refugiados; milhares de crianças perdidas pelo mato fora; outras tantas a vaguear pelas ruas dos bairros e cidades. É a pedra grande da miséria que guarda como refém as vítimas inocentes. Que fazer? Não podemos cruzar os braços debaixo do pretexto de que nada é possível fazer. Este tempo forte falamos de Paixão e Morte, é verdade. Mas falamos também de Ressurreição. É preciso soltar as amarras do nosso egoísmo e comodismo. Ah, se cada um fizesse o que pode fazer?!

Não há missão mais nobre do que a de tirar as pedras dos túmulos e ajudar as pessoas a caminhar de cabeça erguida. Ontem, veio ter connosco uma rapariga com dois bebés gémeos. Contou a história de muitas outras: veio do Sul de Angola e andou perdida. Nada mais tem do que os dois filhinhos. Era preciso libertá-la do seu cativo. Fomos com ela à busca dos meios para ter o seu sustento. Não podia comer. Queria a «cana para pescar». Assim foi. Regressou mais livre e feliz. Quem nos dera sempre a perseverança com a paciência na busca do melhor para salvar os nossos irmãos!

A guerra tem sido o pedregulho a impedir, sobremaneira, a libertação da maioria do Povo de Angola. A miséria em que vive, é fruto da guerra, em grande parte. Parece-nos que chegou a hora da paz. As notícias que nos vão chegando falam do caminho da paz. É o grande bem da hora presente.

O calar das armas não basta. Há um trabalho longo a fazer. As barreiras do ódio acumuladas ao longo dos anos, com desejos de vingança, têm de ser destruídas. Toda a sociedade é chamada a participar. O bom acolhimento só é possível com o perdão. A Igreja tem um papel grandioso a desempenhar neste processo de pacificação. Foram criados, a nível das comunidades cristãs, os conciliadores que, devidamente preparados, vão para o meio do povo ajudar no serviço de reconciliação.

Começamos já a viver a hora do regresso das pessoas às suas aldeias de origem. É outro trabalho lento, também. Foram muitos anos em ambiente diferente. Criaram-se hábitos novos. Grande parte dos filhos já nasceram fora da sua terra. Os jovens, sobretudo, terão muita dificuldade em voltar para o interior. Enquanto não forem criadas condições mínimas para viver nas terras de origem, a resistência ao regresso vai ser dura. Os anos vão ajudar, entretanto.

A Casa do Gaiato continua a sua luta na trincheira da paz. Milhares de crianças vivem fora do sistema escolar. A nossa Escola está cheia. Grande parte das nossas energias são investidas neste sector. Bem sabemos que não há desenvolvimento dum País sem Escola. Por isso, todo o material escolar que nos chega vai alimentar a vida da Escola. É uma ajuda muito grande. Bem hajam. Votos de Páscoa feliz!

Padre Manuel António

ENCONTROS em Lisboa

Semana Santa

A Quaresma foi seguindo o seu curso normal. A Palavra de Deus, marcadamente de cariz baptismal, foi-nos propondo momentos de reflexão sobre a tentação, a água viva, a cegueira e a luz, a morte e a ressurreição. Depois, a Semana Santa com o seu momento dramático da Sexta-Feira em que o Amor foi espezinhado, vilipendiado, como que destruído num brutal frenesim de demissões e cumplicidades. Mas, o Amor ressuscitado anima a vida com nova Esperança e, como aconteceu com os companheiros da Emaús, sentimos no coração que Ele caminha connosco.

Em nossa Casa fomos vivendo tudo, no dia a dia, para que nada se pudesse perder com todos os sabores da derrota e da vitória, da alegria da vida e do sofrimento da morte. Uns rapazes a crescer e a aproveitar as oportunidades que a vida lhes oferece, outros fugindo às responsabilidades e a um envolvimento adulto e digno no nosso mundo.

As nossas Festas

MAS este tempo foi igualmente atravessado pela preparação das nossas Festas. Quantos encantos e desencantos por aqui passam! Escolha de números, ensaios e mais ensaios, vestir toda a gente para os transformar, a imaginação que se foi para outras paragens, os momentos de desânimo... Depois de tudo isto, vamos para a estrada, apresentar, em vários lados, o fruto do nosso trabalho, sabendo que nem tudo foi como desejávamos, mas foi o possível, no momento, com o pessoal que temos.

Aqui se dá conta das primeiras deslocações que vamos fazer:

13 de Abril — Sábado, 21.30 h, Salão da Casa do Gaiato, SANTO ANTÃO DO TOJAL.

21 de Abril — Domingo, 15.30 h, Salão da Igreja de RIO DE MOURO.

28 de Abril — Domingo, 15.30 h, Salão da Igreja de MAS-SAMÁ.

5 de Maio — Domingo, 15.30 h, Salão dos Bombeiros Voluntários de TORRES VEDRAS.

Esperamos o encontro com os amigos e conhecidos. Os mais pequenos esperam as palmas e a compreensão.

Padre Manuel Cristóvão

CALVÁRIO

Deus é humilde

UMA das muitas Marias que temos por cá, com vários utensílios de limpeza nas mãos, acaba de arrumar o quarto de uma outra Maria. Esta sofre em grau elevado de arterioesclerose. Não tem consciência de quem é e do que faz; e faz disparates a todo o instante.

— Isto estava uma vergonha. Veja como já está limpo.

Quem entra, encontra, de facto, tudo no sítio certo, com ar de frescura. Ora este trabalho não se vê. As canseiras também não. Só o resultado.

Os canteiros estão floridos. Foi preciso plantar, regar, cuidar deles. Aqui também não se vê quem operou. As coisas saltam à vista e encantam.

Os doentes vão realizando inúmeras

tarefas, com que se entretêm alegremente. Quase se não dá por eles.

Também Deus Se esconde por detrás da natureza, do homem, da criança. Ninguém O vê. Mas Ele está quando cria, quando realiza, quando ama. Está presente em cada elemento que o mundo contém. E por isso mesmo «a Natureza canta a glória de Deus» — diz o salmista. Ninguém dá por Ele. É humilde.

Agir escondidamente é imitar Deus.

Deus fez-Se homem em Cristo e Cristo nasceu escondido. Passou a maior parte da Sua vida retirado numa aldeia da Palestina. E mesmo quando realizava algum milagre pedia que não o divulgassem. E ainda, na manhã de Páscoa, ressuscitou no silêncio.

Como é diferente o agir humano, a actuação do homem moderno. Este gosta de aparecer, de dar nas vistas e até de ser aplaudido. Deste modo estraga tudo porque aquilo que faz é vaidade, é orgulho. Projecta, empreende, realiza obras, mas reclama a autoria.

Dá ajuda ao semelhante, mas tem de o apregoar. Dá esmola, mas a esquerda tem que saber o que faz a direita.

Faz doações, mas uma lápide tem de assinalar e revelar o benemérito.

Vai ao templo, mas quantas vezes só para mostrar a viatura nova em que circula, ou o vestuário que o adorna.

E depois de morto ainda deseja que o seu nome seja perpetuado ostensivamente na campa que o guarda. O bichinho da vaidade nem com a morte sucumbe.

Agir escondidamente não é hábito vulgar. Os simples, esses sim, imitam Deus escondendo-se por trás daquilo que vão fazendo.

Os canteiros floridos não dizem quem os acarinha. As rosas sabem, mas apenas sorriem coloridas e perfumadas.

Padre Baptista

Estatuto Editorial d'O GAIATO

Para darmos cumprimento ao preceituado na Lei de Imprensa, efectuamos nesta edição a publicação anual do Estatuto Editorial d'O GAIATO:

1. O GAIATO nasceu da fome e sede de Justiça que consumiu o seu Fundador — paixão que ele mitigou, contagiando muitos de idêntica fome e sede. Assim, deixou expressa a sua vontade relativamente ao mote e ao modo de o comunicar.
2. «O século de agora anda esquecido. Os Pobres constituem encargo indesejável. Ora Deus quer que pela nossa oração e acção se indique ao mundo o caminho da Verdade.»
3. «Pela força e crédito dos seus escritos, defendam os direitos e levem os homens a reconhecer e a respeitar o Pobre.»
4. «Aquele a quem Nosso Senhor deu o talento de escrever, escreva como quem reza. Prepare-se como quem vai falar de Deus. Só desta forma corresponde e faz valer o dom.»
5. «No seu periódico O GAIATO e em outras edições, não peçam nem aceitem propostas de anúncios sobre assuntos do século. Todo o espaço e todo o tempo é pouco para revelar Cristo às almas.»
6. «Também não aceitem colaboração de estranhos, ainda que homens de saber e de virtude. Dê-se, sim, preferência ao Rapaz, que por isso se educa e revela, fazendo bem às almas dos que lerem.»
7. «Não sejam solícitos em pôr a preço os jornais ou edições que saem dos nossos prelos. É melhor deixar tudo à generosidade espontânea de cada um.»
8. Tal se procura cumprir na «fragilidade das nossas misérias».
9. Por recomendação do Instituto da Comunicação Social, acrescentamos ao velho Estatuto Editorial o compromisso de se «respeitar os princípios deontológicos da Imprensa e a ética profissional (...), e não abusar da boa fé dos leitores, encobrindo ou deturpando a informação».